

Grande Sertão: Guimarães Rosa e pistas-veredas para a educação

Alexandre Medeiros¹

Resumo: A proposta deste artigo é a de garimpar na obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, veredas para vencer a aridez da educação brasileira. No percurso buscaremos indicações para uma metodologia humanista. O desafio será utilizar esta abordagem no contexto da realidade brasileira.

Palavras-Chave: Guimarães Rosa. Educação humanista. Grande Sertão: Veredas.

Abstract: The purpose of this article is to explore *Grande Sertão: Veredas* by Guimarães Rosa, searching patha to overcome the aridity of Brazilian education, looking for hints for a humanist methodology.

Keywords: Guimarães Rosa. Humanist education. Grande Sertão: Veredas.

Introdução

Vida devia de ser como na sala do teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto seu papel, desempenho. Era o que eu acho, é o que eu achava (ROSA, 2006, p. 244-245).

Muito já se escreveu sobre *Grande Sertão: Veredas* (PIZA, 1994), mas a novidade nesta pesquisa está em garimpar, nesse *magnum opus*, veredas em busca de uma metodologia de ensino. Ou melhor, descobrir qual metodologia o “professor” da obra de Guimarães Rosa (ROSA, 1965, p. 243) utilizou para vencer a aridez e a dificuldade do sertão. Neste sentido pretendo buscar uma metáfora do sertão para enfrentarmos as dificuldades da educação brasileira. Para seguirmos nesta viagem pelo sertão rosiano, contaremos com os conceitos do filósofo alemão Josef Pieper, do filósofo da educação Jean Lauand, do teólogo e psicanalista Rubem Alves e por fim do educador Paulo Freire. Os dados estatísticos sobre educação serão colhidos da obra *Falta de Educação gera corrupção*, de José Diniz.

Grande Sertão: identificando a crise na educação.

No terreno árido do sertão, encontramos paralelos com a educação brasileira. A pobreza em que a educação se encontra. A pobreza da formação dos professores. A pobreza da educação que as crianças e jovens recebem. A pobreza intelectual e cultural de uma parte significativa da população brasileira. Além é claro da pobreza literal da população, com suas dificuldades básicas de alimentação e saneamento básico. Como diz Guimarães Rosa,

As pobrezas daquelas terras, só pobreza, a sina tristezinha [...] o povo no rareado, pelo que faltava água, [...] brabeza do gado, que caminhava em triste achar (ROSA, 1965, p. 352).

¹ Doutorando em Ciências da Religião – UMESp; Mestre em Ciências da Religião – UMESp; Especialista em Estudos Teológicos – UNASP; Licenciado em Educação – FPSJ; Bacharel em Administração de Empresas – UNIB; Diretor do Centro de Estudos Júlio Verne.

Identificar a crise educacional no Brasil, não é tarefa agradável, mas é tarefa necessária. Neste momento, com “tristezinha” (ROSA, 1965, p. 352) farei esta análise. Em um concurso para professor de educação básica no Estado de Pernambuco, 30 mil candidatos formados em educação concorreram. Para não serem desclassificados, os candidatos, numa escala de 0 (zero) a 10 (dez), deveriam tirar uma nota de no mínimo 6 (seis). O resultado foi alarmante, apenas 1.679 candidatos tiraram nota igual ou superior a 6 (seis). Sendo assim, detectamos que apenas 6% dos candidatos tiveram as condições mínimas para entrarem na sala de aula, os outros 94% dos candidatos não alcançaram as condições mínimas para ocupar o cargo de professor (DINIZ, 2018, p. 25-26).

Outro ponto que precisamos enfrentar é em relação aos estudantes de escolas públicas, onde temos dados assustadores que mostram a dificuldade destes alunos em acessar as Universidades Públicas, o que mostra uma distância enorme entre a formação dos alunos de escolas privadas em contrapartida com a formação dos alunos de escolas públicas. Mesmo levando em conta as cotas, inclusive as cotas para alunos de escolas públicas, os dados são preocupantes. Em cursos como Direito, 70% dos que ingressam em Universidades Públicas são provenientes de escolas particulares; em Odontologia, 80% dos que ingressam em instituições públicas são advindos do ensino privado; em Medicina 88% dos calouros em Universidades Públicas foram alunos de escolas particulares (DINIZ, 2018, p. 27).

Estes dados revelam as baixas colocações do ensino básico no Brasil em relação à educação de outros países. De acordo com o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Básico - SAEB, 50% das crianças que estão no 4º. ano do ensino fundamental da escola pública, são analfabetos funcionais. Estes números assustadores demonstram a baixa qualidade da educação pública no país. Uma pesquisa da UNESCO apontou que num rol de 129 países, o Brasil ocupa a 76ª, posição em qualidade de ensino. Desta forma, o Brasil ocupou o último lugar da América do Sul, ficando inclusive atrás de Zâmbia e Senegal (DINIZ, 2018, p. 18-19), demonstrando um terreno extremamente árido para o exercício da pedagogia.

Isto mostra que nossa educação básica pública foi abandonada e, portanto, não adianta nada colocarmos um grande número de pessoas nas universidades e continuarmos com sérios problemas na formação básica. Se continuarmos incentivando o ingresso de alunos em universidades, mas recusarmos resolver o verdadeiro problema dos primeiros anos da educação, iremos comemorar números fictícios (DINIZ, 2018, p. 31), que não representam uma elevação real na qualidade de ensino (ALVES, 2012, p. 217-218).

Sendo assim, a conta é a seguinte: se continuarmos com uma das piores educações básicas do mundo (DINIZ, 2018, p. 25), de nada adiantará incentivar e facilitar o ingresso em universidades, com Cotas, FIES, ProUni, Sistemas EaD e outras modalidades (DINIZ, 2018, p. 20-24). Usando a metáfora da construção civil, estaremos investindo uma fortuna em telhado e no acabamento, em uma casa que não tem boa estrutura, que possui sérios problemas na fundação e que mais dia menos dia fará tudo desmoronar. Se não cair, ficará torta e com rachaduras irreparáveis. Como diz Guimarães Rosa, sabemos e entendemos a aridez do sertão, mas “a gente tem que sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele” (ROSA, 1965, p. 212).

Ou seja, só saímos desta crise assumindo nossos problemas, encarando-os decisivamente, aceitando nossas deficiências e valorizando nossas riquezas humanas e culturais. Caminhando para o final desta primeira reflexão, saliento de antemão que é possível resolver o problema da educação brasileira. Tomando um número da década de 1960, temos o Brasil e a Coreia do Sul, empatados com aproximadamente 35% de taxa de analfabetismo em sua população. Hoje, o Brasil continua próximo aos dois

dígitos, cerca de 10% da população brasileira continua analfabeta, o governo tem como oficial 8,5% da população nacional (sem contar como já vimos os analfabetos funcionais, que representam quase 30 milhões de brasileiros). Por outro lado, no mesmo período a Coreia do Sul praticamente zerou o número de analfabetos, apenas 0,2% da população, (DINIZ, 2018, p. 18-19).

“Sertão é uma espera enorme” (ROSA, 2006, p. 375). É certo que as mudanças na educação não são rápidas, mas precisamos começar. Como diz Rosa, precisamos guiar nosso ânimo para nos aventurarmos nesta travessia (ROSA, 1965, p. 310). A Coreia nos mostra que é possível “sair do sertão” (ROSA, 1965, p. 212), ou seja, resolver o grave problema da educação em nosso país. É obvio que precisamos buscar, dentro de nossa realidade, dentro de nossa cultura, caminhos que nos conduzam para obtermos melhores resultados.

“O sertão está em toda a parte”, já dizia Guimarães Rosa (ROSA, 1965, p. 9). Da mesma forma a educação está em todo lugar, ela perpassa e interfere em todos os setores de uma sociedade. Arrisco dizer que a qualidade da educação interfere desde a economia até a qualidade de vida de um país (DINIZ, 2018, p.29). Segundo o Dr. José Diniz,

No Brasil, a baixa formação dos empregados afeta negativamente as decisões de investimento. Além disso, a baixa qualidade da educação se torna um obstáculo ao crescimento do país. O baixo PIB brasileiro nos últimos anos está inexoravelmente [ligado] à baixa qualidade da educação do ensino básico e superior [...] A má qualidade da educação como um todo também afeta a distribuição de renda, impedindo o crescimento pessoal [...] dos brasileiros. Nesse sentido, importa ressaltar que a educação é um dos motores de crescimento de qualquer nação, e, no Brasil, esse motor, infelizmente, funciona muito mal (DINIZ, 2018, p. 29).

Quase 50% das crianças do ensino público terminam a 4ª. Série do fundamental sem saber fazer contas e sem interpretar um texto. São analfabetos funcionais (DINIZ, 2018, p. 19). Esta má formação vai sendo arrastada para a vida adulta. Minha pergunta é: Estes alunos mesmo possuindo um diploma de ensino superior estão se sentindo seguros e realizados com o saber? Na obra de Rosa, o Professor Riobaldo, presenciou o que realiza uma pessoa.

Êle era a inteligência! [...] passava de lição em lição, e perguntava, reperguntava, parecia até ter raiva de eu saber e não êle [...] Queimava por noite duas, três velas [...], com menos de mês, Zé Bebelo se tinha senhoreado de reter tudo, sabia muito mais do que eu mesmo soubesse. Aí, a alegria dele ficou demasiadamente [...] Só aí, digo, foi que êle ficou gostando de mim [...] Me deu um abraço [...], me fez firmes elogios. – Siô Baldo [...] carece de você não ir s'embora, não, mas antes prosseguir... (ROSA, 1965, p. 95-101).

Portanto segundo Rosa, é o saber que oferece verdadeira realização. O diploma, os títulos, e até a boa colocação profissional, são apenas consequência, ou seja, medalhas por demonstrar um alto nível de competência, habilidade e sabedoria.

De acordo com Guimarães Rosa, a alegria veio quando o personagem percebeu que possuía o domínio do saber. É interessante ver que na mesma hora ele

retribui sua “demasiada” alegria, com elogios e abraços, impedindo inclusive que o professor partisse. O desejo do aluno foi prender o professor ali, para que o conhecimento prosseguisse (ROSA, p. 95-101).

Aqui vale uma reflexão. O aluno do “professor” Riobaldo (ROSA, 1965, p. 243), não teve medo de abraçá-lo, não teve medo de expressar carinho e gratidão. Segundo Rubem Alves, nos dias atuais a palavra amor foi expulsa da escola, quem fala sobre amor é piegas e não científico (ALVES, 2011, p. 106-107). Um entendimento errôneo. De acordo com Paulo Freire, “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica” (FREIRE, 2017, p. 140). Conforme explica Alves,

Uma vez, falando sobre a importância do amor na situação de aprendizagem, fui interrompido por uma educadora científica que me contestou. Para provar seu ponto de vista mencionou o ridículo das professoras que são tratadas como tias pelos alunos [...] Ela confundia amor com pieguice. [Ela não sabia que] o amor tem uma ilustre tradição filosófica, sendo central no pensamento de Platão [...], Agostinho [...], Nietzsche [...], Buber [...], Freud. [Para aquela Educadora], Ciências da Educação [era] semelhante aos processos de produção em fábricas (ALVES, 2011, p. 106-107).

Ou seja, para aquela educadora, o processo educacional era mecânico (ALVES, 2011, p. 106-107). No final do processo se ganha um “canudo”. Esta educação fracassou (ALVES, 2012c).

Já é sabido que simplesmente possuir um diploma universitário não garante mercado de trabalho. Pois as empresas e instituições, por conta dos altos custos das demissões, estão cada vez mais utilizando em seus processos de contratação, minuciosas e intensas baterias de testes antes de admitir um novo colaborador. Assim, analisa-se ao máximo a formação global do colaborador a ser contratado, para verificar se estão de acordo e atendem todas as competências e habilidades exigidas para exercerem a função profissional.

Não é incomum muitas empresas no Brasil ficarem meses e meses com vagas em aberto pela incapacidade de encontrar trabalhadores de bom nível, em virtude da má qualificação da mão de obra. Um cruel contrassenso para um país com média de 12% de desempregados, o que equivale a cerca de 12 milhões de pessoas (DINIZ, 2018, p. 29).

Não é de se admirar, como já vimos, que a má qualidade da educação básica e também do ensino superior, afete drasticamente os investimentos no país (DINIZ, 2018, p. 29). Além disto, afetam a saúde psicológica do ser humano, que se torna triste e frustrado por perceber que foi enganado no processo de aprendizado.

Uma pesquisa realizada no Instituto de Psicologia da USP mostrou que estudantes oriundos de escolas públicas que conseguem ingressar numa universidade [...] apresentaram dificuldades para se manterem no curso [...] O estudo revelou ainda, que as dificuldades de universitários egressos da rede pública não se resumem no vestibular e acompanham os estudantes por toda a graduação. Isso ocorreria [...] pelo baixo conteúdo educacional adquirido desde o ensino básico [...] O período da

formação inicial é essencial para consolidar uma base sólida de saberes (DINIZ, 2018, p. 69).

Estes alunos passaram anos nos bancos das escolas, mas não possuem competências, saberes, habilidades para cursarem uma universidade, ou assumirem bons cargos profissionais. Afinal, descobrir que possui diploma de curso superior, mas é um analfabeto funcional, é uma grande decepção e tristeza. Triste realidade! Como diz Rosa: “Sertão: estes vazios [...] Treva tôda do sertão, sempre me fez mal” (ROSA, 1965, p. 27).

Estas deficiências que discutimos acima estão no bojo do problema educacional brasileiro, e precisam ser enfrentadas de dentro, ou seja, por nós educadores. Sem tabus ou hipocrisias. Precisamos formar professores nas instituições de ensino, pois a formação recebida nas universidades não abarcam todos os desafios da sala de aula.

Veredas: em busca de uma metodologia de ensino.

Como já vimos o simples fato de obter um diploma de ensino superior, não é garantia de aprendizado, nem muito menos garantia de bons empregos. Na verdade o objetivo da formação acadêmica está em aproveitar ao máximo todo o caminho do aprendizado, degustando cada fase e cada momento do saber e do aprender. Ou seja, na viagem ao mundo acadêmico, devemos aproveitar cada passo, tanto da educação básica, como da universidade. Afinal como bem enfatiza Paulo Freire, “a alegria não chega apenas no encontro com o achado, mas faz parte do processo de busca” (FREIRE, 2017, p. 139). Pensar única e exclusivamente na chegada ao mercado de trabalho não é o real da vida. Como diz Guimarães Rosa, “o real [da vida] não está na saída nem na chegada: êle se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1965, p. 52).

Aqui já consigo divisar uma decisão metodológica que Rosa utiliza e que me auxiliará nesta “travessia” (ROSA, 1965, p. 52). Para ampliarmos esta ideia de que a chegada ao mercado de trabalho não é o real da educação, recorro ao filósofo alemão Josef Pieper. Segundo ele, o filosofar (e o verdadeiro educar pratica esse filosofar) não faz parte da luta diária pela sobrevivência, ela vai e está além do cotidiano. Neste sentido, não é “saber de funcionário”, ou seja, não é “atividade útil”; antes disso, é um “saber livre” (PIEPER, 2007, p. 8 e 17). A pergunta neste momento seria: como posso construir uma educação que valorize o processo de aprendizado e não única e exclusivamente a chegada ao mercado de trabalho?

Neste sentido, o primeiro caminho que gostaria de explorar é que a educação não pode ter como único e principal fim a formação profissional. A educação é mais que isso, ela transcende a capacitação para o trabalho, ela forma o indivíduo em sua totalidade. Na verdade a educação é “a mola propulsora da cidadania. É um valor inestimável que engrandece o homem como ser humano” (DINIZ, 2018, p. 37). Assim como a filosofia é livre, a arte da educação também o é, portanto filosofar, educação e poesia não são servis (PIEPER, 2007, p. 8 e 17). Ou seja, não podemos ingressar na vereda da educação com o intuito de formar trabalhadores. Pois a educação é o aprimoramento do ser humano. A capacitação profissional acaba sendo consequência, dom de uma bela formação mais ampla, não um fim a ser perseguido em si. Como diz Josef Pieper, para acabar com a poesia basta dizer: agora precisamos de poetas (PIEPER, 2007, p. 17-19). Da mesma forma Rubem Alves entende que ao tornarem a poesia e os clássicos da literatura obrigatórios no vestibular, acabaram com o prazer pela leitura (ALVES, 2013, p. 22 e 41).

Assim também, na obra de Rosa a educação é completamente separada da formação profissional. A falta de habilidade do educando é a porta de entrada para a vida acadêmica. Reconhecer que nada sabe é o ponto de partida de qualquer educação. Como escreve Rosa, “Vou lhe falar, Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe” (ROSA, 1965, p. 79).

Um bom exemplo disto é quando o garotinho Riobaldo foi destacado para estudar. Foi lhe dito que para o trabalho ele não dava, mas que ele tinha habilidades diferenciadas. O estudo não deve visar estreitamente a formação profissional. O estudo é o caminho para que habilidades diversas sejam descobertas e desenvolvidas.

Eu não sabia ler. Então meu padrinho teve uma decisão: me enviou para o Currálinho, para ter escola e morar em casa de um amigo dele, Nhô Marôto [...] Lá eu não carecia de trabalhar, de forma nenhuma, porque padrinho Selorico Mendes acertava [...] de pagar todo fim de ano [...] até de botinha e roupa que eu precisasse. [Disse Nhô Marôto]: Baldo, você carecia mesmo de estudar e tirar carta-de-doutor, porque para cuidar do trivial você jeito não tem. Você não é habilidoso (ROSA, 1965, p. 88-89).

Na verdade, o uso da educação como única e exclusiva formação técnica profissional, é um grande engano. Segundo Josef Pieper “por princípio a formação se distingue da simples instrução profissionalizante e a ultrapassa”. Ou seja, “instruído é o funcionário e a instrução (profissional) se caracteriza por dirigir-se a um aspecto parcial e específico no ser humano e, ao mesmo tempo, a um determinado setor recortado do mundo” (Apud, LAUAND, 2012, p. 42). Paulo Freire em *La Educación Como Práctica de La Libertad* nos adverte do perigo da educação técnica, o risco de obliterar a visão total do homem. Freire ainda elenca que tal tecnicismo conduzirá a uma animalização progressiva do espírito e da vida humana (FREIRE, 2009, p. 92), ou seja, por não serem exploradas as ciências humanas, da natureza, das artes, tornaram uma pessoa quase como um robô. Sendo assim, não devemos recortar ou particionar a educação, pois ela é muito maior do que imaginamos. Como diz Rosa “o sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 1965, p. 59).

Mestre Lucas, que era o professor do jovem Riobaldo, mais do que ensinar, enxergou uma habilidade até então adormecida. Vislumbrou a possibilidade, daquele jovem, de se tornar um professor. Aquilo motivou e impulsionou o aprendizado do garoto, não porque estivesse formado na educação profissional, mas o objetivo de vida foi instituído ali.

Isso que êle me disse me impressionou [...], de seguida formei em pergunta, ao Mestre Lucas [...] Êle [...] era homem de justa regra, e de tão visível correto parecer [...] me respondeu: É certo [que lhe faltam alguns aspectos para trabalhar na roça]. Mas o mais certo de tudo é que um professor de mão-cheia você dava... (ROSA, 1965, p. 88-89).

“Sertão é quanto menos se espera” (ROSA, 2006, p. 286). De acordo com Jean Lauand, ao buscar uma “arte liberal”, ou seja, uma formação acadêmica ampla e completa, no sentido de ser culto, não se está dizendo que não se possa ser competente profissionalmente. Mas ao contrário, quando se busca uma formação ampla e filosófica, também se alcança a competência profissional, mesmo sem buscá-la (LAUAND, 2011, p. 54).

Segundo Pieper,

A formação se dirige ao todo: culto e formado é aquele que sabe o que acontece com o mundo em sua totalidade. A formação atinge o homem todo enquanto é *capax universi*, enquanto é capaz de apreender a totalidade das coisas que são (cit. in LAUAND, 2012, p. 42).

Sendo assim, a arte, a matemática, os idiomas, a filosofia, a história, a química e a física, todos tem seu papel e seu lugar, e nada pode ser suprimido no processo educacional. Ou seja, alguém sem aprender filosofia (e sobretudo o filosofar), pode se dar muito bem nos negócios e nas ciências em geral, mas como bem elaborou Johann Gottlieb Fichte, “dificilmente esse alguém será um ser racional, livre e suprassensível” (FICHTE, 2014, p. 239). Afinal se somos expostos a todas as formas do saber, somos conduzidos por caminhos que às vezes nem imaginávamos. E mais, mesmo sem buscar um emprego, uma colocação, seremos chamados pelo nosso aprendizado e por nosso conhecimento. Riobaldo relata a forma como foi “convidado” para assumir um cargo. Diz ele,

Cheguei em casa de Mestre Lucas, êle me saudou, tão natural [...] Porque, naquele dia, justo, êle estava remexido no meio de um assunto, que preparava o desejo dele para aí me acreditar [...] – Riobaldo, pois você chega em feita ocasião! Aí me explicou: [...] para ensino de todas as matérias [um senhor] estava encomendando um professor [...] Mestre Lucas declarou. Já estava acondicionando numa bruaca os livros todos [...], borracha, lápis, régua, tinteiro, tudo o que pudesse ter serventia. Aceitei (ROSA, 1965, p. 95-101).

Riobaldo aceitou a ocupação profissional, se tornou um professor (ROSA, 1965, p. 243). Desta forma, percebemos que Rosa demarca um caminho metodológico. Inicialmente a formação é dada sem a preocupação profissional, depois o professor lança uma ideia, destacando alguma habilidade do aluno que ele aprecia. Em seguida este aluno é convidado pelo professor para usar e mostrar suas habilidades num determinado projeto.

Mestre Lucas [...] Êle [...] era homem de justa regra, e de tão visível correto parecer [...] me respondeu: É certo. Mas o mais certo de tudo é que um professor de mão-cheia você dava... E, desde o começo do segundo ano, êle me determinou de ajudar no corrido da instrução, eu explicava aos meninos menores as letras e a tabuada. Currálinho era lugar muito bom, de vida contentada [...] Passei lá esses anos (ROSA, 1965, p. 88-89).

A vida de Riobaldo na escola, no bairro, era uma vida “contentada” (ROSA, 1965, p. 89). Segundo Jean Lauand,

Nesse sentido, é interessante observar que, para Tomás [de Aquino], essa *quies mentis* é a atitude de festa da alma, instalada na *skholé* (no sentido aristotélico) e fruindo da contemplação (LAUAND, 2007, p. 76).

Primeiramente, voltemos à origem da palavra “escola”, que está na Grécia. O vocábulo *skholé*, significava descanso, repouso, lazer, tempo livre; estudo, ou seja, ocupação voluntária de quem, por ser livre, não é obrigado a fazer algo. Neste sentido a palavra passou para a língua latina onde era encontrado como *schola*, *scholae* que passou a significar: ocupação literária, assunto, matéria; escola, colégio, aula; divertimento, recreio. Segundo Rubem Alves, a brincadeira faz parte do aprendizado, não é por acaso que em inglês alguém vai para escola de música para *Play Guitar*. De acordo com Alves, estes idiomas: *Play* no inglês e *Spielen* no alemão; descobriram que brincar, é sinônimo de aprender. Afinal se aprende brincando (ALVES, 2011, p.110-111).

É certo que a situação da educação brasileira como vimos é alarmante, mas usando o aforismo de William Blake: “o excesso de tristeza ri” (*Apud* Alves, 2011, p. 110). Ou ainda Guimarães Rosa, quando diz que “no sertão, até enterro simples é festa” (ROSA, 1965, p. 45 e 47). Afinal, a arte de educar é uma brincadeira (ALVES, 2011, p. 110). Rosa nos apresenta uma atitude metafórica de como é a alegria do sertão. Para dramatizar a ideia, ele aplica uma hipérbole que enfatiza que até na tristeza da morte se faz festa. Ou seja, é assim que se enfrenta a aridez do sertão, buscando motivos até nas dificuldades mais extremas para se alegrar e celebrar.

Desta forma, me apropriando dos conceitos de Rosa, Alves e Lauand, traço um paralelo entre o Sertão e a *Educação*, percebo que ambos apresentam como metodologia ingredientes indispensáveis como alegria e o sabor (ALVES, 2013, p. 8-9 e 34-36; LAUAND, 2007, p. 76; ROSA, 1965, p. 45 e 47), ou seja, a metodologia de ensino usada por Rosa é humanista, conseqüentemente a “escola” deve ser um lugar de liberdade, no qual os pensadores (professores e alunos) possam com alegria, participar da festa do saber, de uma verdadeira e saborosa “festa da alma” (LAUAND, 2007, p. 76).

Grande Sertão - Veredas: os desafios de uma metodologia humanista no Brasil.

As veredas das abordagens humanistas foram desenvolvidas e aplicadas em solo europeu, onde as realidades são bem diferentes em termos econômicos, sociais, políticos e culturais. No “Grande Sertão” da educação brasileira, cerca de 71,4% das vagas do ensino superior estão em instituições privadas, as outras 28,6% das vagas estão na Universidade Pública (DINIZ, 2018, p. 67).

Estes dados do Ministério da Educação são preocupantes. Isto quer dizer que a classe dominante proveniente da elite brasileira ocupa os cursos mais concorridos e as graduações mais requisitadas nas Universidades Públicas (DINIZ, 2018, p. 27). Enquanto o restante da população menos abastada, tem que pagar uma Universidade Privada. Em outras palavras, uma vez que o FIES (financiamento estudantil) está cada vez mais difícil de obter, os

jovens que vêm da escola básica pública dispõem apenas de quatro alternativas: obter uma excelente nota no Enem para conseguir uma vaga nas [instituições públicas] por meio do Sisu; Conseguir uma boa nota no Enem e ingressar numa [instituição privada] sem pagar por meio de bolsa do Pro Uni; obter uma nota regular no Enem e ingressar numa [instituição pública] em carreiras de pouca procura; trabalhar para bancar a mensalidade de uma [instituição privada] (DINIZ, 2018, p. 27).

Como já citamos anteriormente, mesmo com a instituição das cotas, para cursarem graduações como medicina, odontologia, engenharia e direito, os alunos de escola pública terão que disputar uma vaga das 30% que sobraram, pois as outras 70% das vagas, serão ocupadas por alunos advindos das escolas particulares (DINIZ, 2018, p. 27). Este cenário é assustador no sentido de que o vestibular para Universidades Públicas (ou mesmo o ENEM) está cada vez mais concorrido, cada vez com menos vagas disponíveis. A competição vem à tona, os espaços são ocupados apenas pelos melhores. Os “outros” que não se enquadrarem nestes tópicos, seguindo a conhecida ideologia americana (EUA), serão *Winner* ou *Loser*. Segundo Freire é um “discurso ideológico negador de sonhos” (FREIRE, 2017, p. 141).

Para Paulo Freire, “tal ideologia [...] forja uma educação friamente tecnicista e se requer [uma] acomodação ao mundo e não [...] sua transformação” (FREIRE, 2017, p. 140). Nesta lógica, apesar dos teóricos saberem que a educação está num caminho errado, o mercado e ou a economia é quem manda. Mesmo sendo segundo Freire uma “atividade anti-humanista” (FREIRE, 2017, p. 140). Como diz Rosa,

O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal... (ROSA, 1965, p. 17-18).

Segundo Guimarães Rosa, “o senhor tolere, isto é o sertão” (ROSA, 1965, p. 9). Mas não devemos, nem podemos nos conformar. Precisamos enfrentar a aridez e a dificuldade do sertão. Afinal como o próprio Rosa diz, “sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada” (ROSA, 1965, p. 86). Acredito que o sistema realmente não funcione. Percebo que existe cada vez mais um desejo de deixar os jovens brasileiros da educação básica pública, fora das melhores universidades. E mais, existe imenso esforço em preparar jovens apenas tecnicamente para jogá-los direto no mercado de trabalho, mais claramente para as indústrias em cargos de baixa remuneração (MEDEIROS, 2018).

Para Rubem Alves, estas escolas se tornaram uma fábrica, a serviço das burocracias da sociedade (ALVES, 2012b, p. 65 e 66), lugar de preparo de mão de obra para abastecer a indústria, onde jovens “com as arestas aparadas” (ALVES, 2012b, p. 65 e 66), são capacitados, para serem usados pela economia (ALVES, 2013, p. 130-131).

Segundo Rubem Alves, nossa realidade é tão cruel, que se o maior especialista de uma Universidade (da área de Química, Física, Geografia, Literatura ou Matemática), fosse submetido ao mesmo vestibular que os jovens são submetidos hoje, talvez não seja aprovado (ALVES, 2013, p. 132). Esta crueldade somente se justifica pela ausência de Universidade Pública para todos os interessados. São quase 24 milhões de jovens em idade universitária (18 a 24 anos) em nosso País, somente 15% destes jovens terão acesso ao ensino superior (DINIZ, 2018, p. 68).

Talvez você se pergunte:

Porque o governo não cuida?! [...] Uma coisa é pôr idéias arranjadas, outra coisa é lidar com País de pessoas de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto de saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva, e negócios bons... (ROSA, 1965, p. 15).

Como diz Rosa, “Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar” (ROSA, 1965, p. 22-23). Não será a limitação, ou os problemas da educação brasileira que irá nos parar. Segundo Rosa, “tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o bêco para a liberdade se fazer” (ROSA, 1965, p. 233). Para Rubem Alves, devemos nos libertar de tudo aquilo que nos reprime e oprime. Isto é libertação (ALVES, 2012, p. 282).

Para nos libertarmos, precisamos conhecer nosso maior opressor. Aqui temos um ponto alarmante. A baixa qualidade da educação está ligada à corrupção, a corrupção está ligada à pobreza e à violência. A ONG Transparência Internacional pesquisou 176 países, o Brasil ficou em 69º. Lugar. Ou seja, está entre os mais corruptos do mundo, empatado com a África do Sul. O alarmante é que esta mesma ONG verificou que quanto maior os índices de corrupção, menor a qualidade da educação. E quanto menor os índices de corrupção, melhor é a qualidade da educação. Finlândia e Dinamarca são países com índices quase zerados de corrupção. São exatamente países onde a educação é considerada como das melhores do mundo (DINIZ, 2018, p. 36).

Acredito que, assim como o personagem Riobaldo lutou na aridez e na dureza do sertão, para talhar a sua liberdade, nós temos que usar nossa inteligência e criatividade para construir uma proposta de ensino livre. Uma proposta que aplique os ideais humanistas e que capacite os alunos para enfrentarem o sertão. Uma educação humanista e humanitária (MEDEIROS, 2019), nos permitirá vencer o sertão.

Como vimos, quando os índices de educação aumentam, os índices de corrupção caem, e a qualidade de vida de todos melhora. Segundo José Diniz, todo este processo de melhorar a educação, vencer a corrupção, e acabar com a pobreza estão interligados. Quando se vence a barreira e melhora a educação, todos os outros índices melhoram. Foi assim com a Finlândia (DINIZ, 2018, p. 36):

...tudo isso leva o país a possuir alguns dos melhores índices de qualidade de vida, educação pública, transparência política, segurança pública, expectativa de vida, bem-estar social, liberdade econômica, prosperidade, acesso à saúde pública, paz, democracia e liberdade de imprensa. As cidades do país também estão entre as mais habitáveis do mundo, figurando entre as mais limpas, seguras e organizadas (DINIZ, 2018, p. 36).

Como vencer este sertão? Fazendo como Alexander Neill fez em sua época (início do século XX), se rebelando com o modelo tradicional de educação, seguindo uma proposta humana, lógico que fazendo as devidas correções e ou adaptações para nossa realidade.

Neill queria que seu método fosse utilizado como remédio para a infelicidade causada pela repressão e pelo sistema de modelos imposto pela sociedade de consumo, pela família e pela educação tradicional. Ter sucesso era, em sua opinião, ser capaz de trabalhar com alegria e viver positivamente. É célebre sua afirmação: Gostaria antes de ver a escola produzir um varredor de ruas feliz do que um erudito neurótico.

Neste sentido encontrei em Paulo Freire (FREIRE, 1974; 1977; 2009; 2017), pai da pedagogia humanista no Brasil, conceitos que pudessem nos auxiliar nesta

tropicalização da educação humanista. Compreendendo o ser humano como em constante evolução, portador de consciência, sentimentos, emoções, saberes, lutas e habilidades. Encontrei conforto na psicologia humanista de Rubem Alves (ALVES, 2011; 2012; 2012b; 2012c; 2013), onde os valores de compaixão, respeito, afeto e alegria, precisam ser realidade nas escolas. Na filosofia humanista de Josef Pieper (PIEPER, 1969; 1974; 2007), constatei que o aprender vem através da curiosidade, do encantamento e da admiração pelo saber. Ou seja, alguém só vai se interessar em aprender algo quando sua curiosidade for despertada, quando o assunto lhe encantar e quando houver admiração pelo professor e pelo saber.

Sendo assim, proponho uma escola que luta para ser humana, em meio ao tecnicismo da educação brasileira (caricatura da educação tecnicista americana, com seus ideais de competição: *winner* e *loser*, que tem provocado suicídios, mortes, violência psicológica, e outras barbáries). Nossa resistência é: (ser) humanista e preparar o aluno para ser vencedor no Brasil e no mundo; (ser) humanista e deixar as portas abertas das universidades para este aluno. Proponho uma metodologia humanista e humanitária que faça uma releitura e uma atualização das abordagens humanistas do início do século XX, sem perder a essência desta metodologia. Pois assim foi desde o século XIV até o presente século, afinal entendemos que a própria metodologia humanista é aberta à revisão e à evolução: isto é (ser) humano. Isto é “ser mais” (FREIRE, 2017, p. 142).

Considerações finais

Nesta viagem pelo sertão brasileiro, tentamos identificar as propostas que Rosa dispõe para esta “travessia” (ROSA, 1965, p. 52), na tentativa de inspirar o professor brasileiro a seguir viagem em busca de uma vereda educativa mais feliz e promissora. Rosa sempre coloca diante de nós dois caminhos, uma “encruzilhada” (ROSA, 1965, p. 76): as “veredas mortas” (ROSA, 1965, p. 303-304) e as veredas férteis (ROSA, 1965, p. 285). Cabe ao professor escolher qual vereda seguirá. Sabemos que a “travessia” (ROSA, 1965, p. 52) no sertão não é fácil, mas a obra de Rosa nos ajuda a encontrar e desfrutar da vereda fértil, lugar onde os buritis se desenvolvem e crescem (ROSA, 1965, p. 233).

Neste breve artigo estive considerando a obra de Rosa emblemática para a educação brasileira, e penso que pode ser utilizada como inspiração para professores que não conseguem mais enxergar uma vereda para a educação no Brasil. Ao escolher a solidão da vereda de uma educação humanista e humanitária, o educador não pode recuar, mas tem que seguir em frente. Como diz Rosa na canção do Siruiz,

Corro os dias nesses verdes, meu boi môcho baetão: burití – água azulada, carnaúba – sal do chão...; Remanso de rio largo, viola da solidão: quando vou p’ra dar batalha, convido meu coração (ROSA, 1965, p. 90-95).

Talvez a tarefa seja difícil demais, talvez o educador que se embrenhar nesta viagem para vencer a aridez do sertão seja criticado, abandonado no processo, sem a aprovação dos colegas ao redor. Afinal, como diz Rosa, “a colheita é comum, mas o capinar é só” (ROSA, 2006, p. 58), pois o “Sertão é sozinho” (ROSA, 1965, p. 235-237), mas o educador precisa ter coragem, pois

No escuro sertão [...] *Carece de ter coragem.... Carece de ter muita coragem...* [...] Tivesse medo? O medo da confusão das coisas, no

mover dêesses futuros, que tudo é desordem. E, enquanto houver no mundo um vivente medroso, um menino tremor, todos perigam – o contagioso. Mas ninguém tem a licença de fazer medo nos outros, ninguém tenha. O maior direito que é meu – o que quero e sobrequero -: é que ninguém tem direito de fazer medo em mim! (ROSA, 1965, p. 295 - 298).

Essa forma de pensar uma educação mais humana nos faz ter um olhar de respeito, amor, e admiração diante de todas as culturas. Esta forma de pensar a educação, não tem espaço para preconceitos (contra culturas e povos), pois como diz Rosa este ódio contra o outro, contra o diferente, é uma “raiva [que] estava em mim, produzida, [...] minha sem outro dono” (ROSA, 2006, p. 237).

Numa educação humana todos encontram um lugar especial, contribuindo inclusive na educação dos que estão ao redor. Na verdade, numa educação humanista e humanitária, todos os valores da humanidade são reconhecidos, todas as culturas, religiões e povos tem sua beleza e sua contribuição (ROSA, 1965, p. 15). Como escreve Rosa,

Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bêbo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – o tempo todo (ROSA, 1965, p. 15).

Numa educação humanista e humanitária não temos perdedores ou vencedores, temos pessoas, “homem humano” (ROSA, 2006, p. 608). Ou seja, seres humanos, que estão talvez num determinado momento da vida na frente dos outros. Os que estão na frente, em posições de liderança ou destaque, tem a tarefa de voltar e ajudar os companheiros de viagem que estão cansados, que caíram ou desistiram no meio da “travessia” (ROSA, 1965, p. 52). Neste percurso podemos ter colegas com dificuldades de aprendizado, dificuldades físicas e ou emocionais, dificuldades pessoais. Esta tarefa não é só do educador, mas uma tarefa de todos nós. No futuro esta tarefa será a grande vitória da humanidade. Afinal como escreve Rosa, “Digo: o real não está na saída nem na chegada: êle se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1965, p. 52). “Amigos somos. Nonada” (ROSA, 2006, p. 608).

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir*, Campinas/SP: Editora Papyrus, 2012c
- ALVES, Rubem. *Lições do Velho Professor*, Campinas/SP: Editora Papyrus, 2013
- ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*, Campinas/SP: Editora Papyrus, 2012
- ALVES, Rubem. *Por uma teologia da libertação*. São Paulo/SP: Fonte Editorial, 2012b
- ALVES, Rubem. *Variações do Prazer*, São Paulo/SP: Editora Planeta do Brasil, 2011

- DINIZ, Janguê. *Falta de Educação gera corrupção*, Barueri/SP, Novo Século Editora, 2018
- FICHTE, Johann Gottlieb. *Sobre o Espírito e a Letra na Filosofia*, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo & Editora Humanitas: São Paulo/SP, 2014
- FREIRE, Paulo. *Concientizacion: Teoria Y Practica de La Liberacion*, Buenos Aires/Argentina: Ediciones Busqueda, 1974
- FREIRE, Paulo. *La Educación Como Práctica de La Libertad*, Buenos Aires/Argentina: Siglo Veintiuno Editores, 2009
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo/SP: Paz e Terra, 2017
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 4ª. Edição, São Paulo/SP: Paz e Terra, 1977
- LAUAND, Jean; CASTRO, Roberto C. G., *Filosofia e Educação: Universidade.*, São Paulo/SP: Factash Editora, 2011
- LAUAND, Jean. *Abalo filosófico e afins: Por uma Pedagogia da Admiração*, Revista International Studies on Law and Education 10, jan-abr 2012, CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto & Universidade de São Paulo (USP) – 2012
- LAUAND, Jean. *Filosofia, linguagem, arte e educação: 20 conferências sobre Tomás de Aquino*, São Paulo/SP: Factash Editora, 2007
- LAUAND, Jean. “WHAT IS IT ALL ABOUT?” JOSEF PIEPER E A UNIVERSIDADE. International Studies on Law and Education 11, mai-ago 2012 CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto – 2012
- LAUAND, Jean. *Invisível a olho nu: o potencial educativo da linguagem cotidiana*. Seminário para Formação de Professores 2018, <http://www2.fe.usp.br/~cemoroc/page07h.html> - 2018
- LAUAND, João Sérgio. *Projeto Pigmaleão*, Conventit Internacional 27 mai-ago 2018 Cemoroc-Feusp – Universidade de São Paulo & IJI - Univ. do Porto, 2018
- MEDEIROS, Alexandre. *Formação, Humanismo e Cidadania na escola - um olhar crítico sobre os modelos educacionais da Região do ABCD Paulista*, International Studies on Law and Education – volume 28 – 167-176; jan-abr 2018 - CEMOrOc-Feusp & IJI-Universidade do Porto, 2018
- MEDEIROS, Alexandre. *Metodologia Humanista e Humanitária: uma proposta de Ensino*, Conventit Internacional – volume 29 - Cemoroc – FEUSP & IJI – Universidade do Porto, 2019. <http://www.hottopos.com/conventit29/index.htm>
- PIEPER, Josef, *Que é filosofar?* São Paulo/SP: Ed. Loyola, 2007
- PIEPER, Josef. *Una Teoria de La Fiesta*, Madrid/España: Ediciones Rialp, 1974
- PIEPER, Josef. *Felicidade e Contemplação & Lazer e Culto*, São Paulo/SP: Editora Herder, 1969
- PIZA, Daniel, *A Tragédia Grega e O Grande Sertão*, Revista Cultura Vozes., *Memória: Subversão da História.*, Ano 88 – Volume: 88 – Número: 4 – julho/agosto/1994., São Paulo/SP: Ed. Vozes, 1994
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro/RJ: Editora José Olympio, 4ª. Edição, 1965
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro/RJ: Editora Nova Fronteira, 2006

Referências digitais

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, <https://www.dicionarioetimologico.com.br/escola/> - acesso em 12-04-2018

EDITORA ABRIL. In: Veja <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/existe-o-personagem-ou- apenas-a-personagem/> - acessado em 16/04/2015

EXAME, Revista Exame. *José Janguê Bezerra Diniz* - <https://exame.abril.com.br/negocios/ex-engraxate-brasileiro-e-o-novo-bilionario-da-forbes/> - acessado em 22/08/2018

GUIMARÃES ROSA, João. Bibliografia. In: Uol http://pensador.uol.com.br/autor/joao_guimaraes_rosa/biografia/ - acessado em 20/03/2015

IBGE, In: Agência Brasil 2017 <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-12/ensino-basico-tem-735-dos-alunos-em-escolas-publicas-diz-ibge> - acessado em 08/08/2018

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – *Empregados com carteira assinada* - <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-02/trabalho-formal-tem-queda-de-17-no-brasil> - acessado em 22/08/2018

LDB (Lei de diretrizes e bases da educação) – revisão: março de 2017 - http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf - acessado em 22/08/2018

NEILL, Alexander Sutherland. <https://novaescola.org.br/conteudo/1359/alexander-neill-o-promotor-da-felicidade-na-sala-de-aula>. acessado em 10/08/2018

SUMMERHILL SCHOOL - <http://www.summerhillschool.co.uk/> - acessado em 22/08/2018

UOL NOTÍCIAS, *Profissionais com carteira assinada*, <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2018/03/29/trabalhadores-com-carteira-assinada-ibge.htm> - acessado em 22/08/2018

Recebido para publicação em 23-08-18; aceito em 28-09-18